

# Museu Arqueológico do Carmo, exposições temporárias e sociedade civil na I República: uma síntese

ANA CRISTINA MARTINS

## Palavras iniciais

Não se revendo já nas principais linhas de actuação da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses (RAACAP) (Lisboa, 1863) do dealbar de Novecentos, a maioria dos arquitectos que a ingressam sai do seu seio para fundar a futura «Ordem dos Arquitectos Portugueses». Corre o ano de 1902 e Portugal assiste ao lento definhar do regime monárquico e ao crescimento do movimento republicano num contexto interno bastante complexo.

Perante esta novidade interna, a instituição é redenominada para «Real Associação dos Arqueólogos Portugueses», prosseguindo os estudos históricos, artísticos e arqueológicos aos quais se vão somando, entre outros, os heráldicos, os etnográficos e, sobretudo, os olisiponenses (Martins, 2005).

A presença agora mais firme da produção etnográfica relacionar-se-á com as profundas e céleres transfigurações verificadas na paisagem rural e urbana, suscitando receios de olvido e desaparecimento de usos, costumes e tradições conferidores de tipicidade e unicidade territorial. Mas esta presença revela de igual modo a mudança ideológica e política registada no país. Ingressando e ocupando de modo paulatino a centralidade da figuração artística e comemorativa, os representantes das artes, das letras e das ciências evocam o génio e a singularidade nacionais (re)encontradas em (i)materialidades perpetuadas secularmente. Tradicionalidades que são agora (re)vistas no contexto do movimento dos *Arts & Crafts*, direccionado para a recuperação e desenvolvimento de economias locais.

## O Museu Arqueológico do Carmo e a república: os primeiros anos

Inaugurado pela RAACAP em 1864, o Museu Arqueológico do Carmo assume a missão de resgatar memórias em risco de vandalização, demolição, metamorfose e esquecimento (Martins, 2003 e 2005).

Muito fora, entretanto alterado no seu interior, museográfica e museologicamente, por força da incorporação de novas categorias e tipologias patrimoniais. O museu vai traduzindo assim a própria evolução da política patrimonial exercida no país, a prevalência de agendas científicas e os interesses da direcção associativa. Exibe, contudo, um enfoque natural na cidade que o acolhe: Lisboa com os seus bairros, suas gentes e múltiplas vivências. Expressões e influências que demandam, compreensivelmente, adaptações regulares do espaço a novas exigências. Por isso regista dois primeiros grandes momentos de beneficiação, reabrindo em 1905 com renovada museografia e museologia, numa altura em que o panorama museológico lisboeta é pontuado pelos Museus Nacional de Belas Artes (1884; Museu Nacional de Arte Antiga a partir de 1911) e Etnográfico Português (1893). Entrementes, a implantação do regime republicano a 10 de outubro de 1910 obriga a nova redenominação associativa: «Associação dos Arqueólogos Portugueses».

Não é, contudo, apenas o nome que importa alterar. Há que adequar objectivos e procedimentos internos ao novo ideário. Não significa, porém, que os dirigentes da AAP sejam todos republicanos ou, até, maçons. Trata-se, todavia, da única forma de garantir a sobrevivência do projecto associativo. Situação de não somenos relevância quando a AAP se debate com persistentes problemas financeiros e escassez de espaço útil de funcionamento. Constrangimentos que instam o novo conservador do MAC, o polígrafo e educador Félix Alves Pereira (1865-1936), a restringir a sua actuação ao inventário. Enquanto isso, alienam-se objectos, redispõem-se colecções e valoriza-se o edifício.<sup>1</sup> Um conjunto de remodelações concretizado já num contexto preparatório das comemorações do cinquentenário da AAP, oficialmente inauguradas com a «Exposição Olisiponense» (*vide infra*).

### A «Exposição olisiponense»

Apesar das dificuldades financeiras, a AAP prepara-se para celebrar o seu primeiro meio século com uma exposição temática sobre Lisboa, proposta pela recém-formada «Secção de Archeologia Lisbonense». Homenageando a cidade que a acolhe, a ideia entusiasma associados e colaboradores, preparando aquela que fica também conhecida como «Exposição de Lisboa Antiga» ou *histórico-etnográfica*; a primeira realizada sobre a capital.

Não obstante, os meses sucedem-se e instala-se um clima de inquietação na AAP quando, a escassos dias da abertura oficializada pelo presidente da jovem República, Manuel de Arriaga (1840-1917), se desmontam andaimes e procura-se segurar objec-

<sup>1</sup> Actas do Conselho Facultativo: 27-12-1906.



Fig. 1. Grupo de associados e o Presidente da República, Manuel de Arriaga, na inauguração da «Exposição Olisiponense», no MAC, 1914. Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa. Doc. A4322.

tos cedidos.<sup>2</sup> Mas a «Exposição Olisiponense» é finalmente aberta ao público; não, porém, em 1913, mas em março de 1914.

Maioritariamente composta de exemplares emprestados por particulares, a exposição é merecedora de catálogos temáticos coordenados por José Queirós (1856-1920) e Gustavo de Matos Sequeira (1880-1962), com ilustrações do aquarelista Alberto de Sousa (1880-1861), do pintor João R. Cristino da Silva (1858-1948) e do fotógrafo amador Luís Bettencourt.

Decorridos apenas dois meses sobre a inauguração, a exposição é encerrada. O êxito é inegável. A par do elevado número de visitas solicitadas, a AAP oferece centenas de bilhetes, especialmente a trabalhadores de empresas relacionadas com a produção de peças expostas e impressão do material de divulgação, cumprindo, assim, o projecto republicano (e maçónico) de democratização de conhecimentos. Motivos bastantes para que a direcção associativa agradeça à Secção de Archeologia Lisbonense, sua promotora e organizadora, depois de enaltecida pelo Ministério da Instrução Pública (1913-1936) através da sua repartição de instrução artística, tendo em atenção a importancia que tal exposição apresentou pelo recheio de grande valor ethnologico e historico que continha – principalmente em ceramica, cartas, planos,

<sup>2</sup> Actas da Secção da Archeologia Lisbonense: 14-11-1913.

estampas e especies bibliograficas acerca de Lisboa e ainda por *haver constituido já por si um excellente meio de illustração historica e civica populares*.<sup>3</sup>

O público compensa o esforço da AAP acorrendo diariamente para observar testemunhos da História da sua cidade. Entretanto, surgem vozes defendendo que a exposição assumia carácter permanente:

A pré-história e a história da capital documentaram-se aqui exuberantemente. A cerâmica, a bibliografia e a iconografia da cidade, como uma amálgama de objectos variadíssimos, catalogados sob a epígrafe de *Varietades*, atraíram a este Museu, durante largos dias, o público de Lisboa. *E toda a Imprensa, elogiando o cometimento, lamentou que a exposição se não tornasse permanente e que esse núcleo, variado e pitoresco, de objetos se tivesse de desmembrar de novo.* (Sequeira, 1922: 90-91)<sup>4</sup>

### A «Exposição olisiponense» e suas consequências imediatas

O sucesso da «Exposição Olisiponense» justifica que, logo no início de 1916, se exigam explicações à direcção da AAP sobre a «Exposição de Tapetes de Arraiolos» prevista para o mesmo espaço para valorização de um testemunho da denominada «arte popular». Trata-se, em rigor, *duma* decisão compreensível quando ecoa o sucesso da exposição internacional de artes decorativas ocorrida em Paris no ano anterior. Na verdade, tais expressões populares são profundamente cultivadas pela denominada «etnografia artística» e adquirem nova visibilidade em espaços museológicos já existentes (Pessanha, 1906: 189-197). É o caso do tapete de Arraiolos.

Na prática, esta exposição complementa e coroa uma vasta campanha promovida pela revista cultural e científica *Terra Portuguesa* (1916-1927) a favor da revitalização da tecelagem de Arraiolos, tema, ademais, caro à própria AAP. Por isso é retomado amiúde nas suas reuniões, nomeadamente nas promovidas pela recém-constituída «Secção de Ethnografia», cujos principais membros pertencem àquele periódico. Além disso, J. Queirós envolve-se na recuperação desta tradição e S. Pessanha sugere que «[...] esta Secção tente promover o *ressurgimento das artes e industrias regionaes portugueses*, de interesse artistico ou ethnographico e que se encontrem *extinctas ou decadentes*».<sup>5</sup>

Não se trata, todavia, de iniciativa isolada, antes integrando um projecto republicano de recuperação de pequenos núcleos manufactureiros para (re)habilitação de economias locais e regionais (A industria de Tapetes de Beiriz, 1923: 862-863):

<sup>3</sup> Correspondência Recebida: 12-05-1914. Último periodo sublinhado por nós.

<sup>4</sup> Nosso sublinhado.

<sup>5</sup> *Secção* de Ethnografia: 05-02-1917. Nossos itálicos.



Fig. 2. Frontispício do catálogo da «Exposição Olisiponense» organizada no MAC, 1914. Arquivo Histórico da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

[...] a cultura intelectual do rural de há um século, pouco diferia de país para país e porque o espírito naturalmente conservador do aldeão o levava a continuar, na execução dos trabalhos caseiros, os antigos processos e os velhos modelos (Correia, 1916: 82). [razão pela qual] *os etnógrafos da Europa recolhem as suas últimas manifestações, em museus, coleções particulares e Exposições* (Cronica. Visitas de Estudo, 1916: 159. *Nosso-italico*).

Assim se entende que a primeira grande iniciativa da Secção de Ethnographia seja a «Exposição de Tapetes de Arraiolos» (Pessanha, 1916: 10). Com duas edições, de 1916 e 1917, o seu sucesso não podia ser maior, vendendo-se cerca de 5 000 bilhetes e 900 catálogos, incluindo uma edição especial ilustrada. Promove-se de igual modo, e pela primeira vez no MAC, uma «exposição-venda» de tapetes, lãs e tecidos para bordar e reservam-se as quintas-feiras para ingressos especiais de quem pretenda observar bordadeiras a executar o seu mester numa das capelas<sup>6</sup> (fig. 3).

Um êxito que é, contudo, adversado pela inesperada saída de Alfredo Guimarães, V. Correia e S. Pessanha da AAP, causa e consequência da extinção da Secção de Etno-

<sup>6</sup> Actas da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses: 23-04-1917.





Fig. 3. Frontispício do catálogo da Exposição temporária de «Tapetes de Arraiolos» no MAC, 1916. Arquivo Histórico da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

grafia por, no entender da direcção associativa, não se coadunar às suas linhas principais de actuação. Fundamentação algo inexplicável quando promove estudos relacionáveis com os etnográficos («Cronica. Associação dos Archeologos Portugueses», 1917: 94). É possível, no entanto, que outras razões estejam na base desta inopinada determinação, mormente o ascendente do director do MEP, José Leite de Vasconcelos (1858-1941), sobre a investigação etnográfica nacional, refeito que está da sindicância que lhe fora lançada.

O interesse, todavia, pelas artes e ofícios locais e regionais não esmorece por completo no âmbito associativo, traduzindo-se em exposições temporárias que lhe são dedicadas e noutras focadas na iconografia de monumentos e tradições nacionais (Martins, 2015).

### Algumas reflexões finais

Independentemente dos percalços, óbices e inconsequências, a «Exposição Olisiponense» alça um indesmentível impacte positivo. Desde logo, para a AAP, ao reforçar a sua posição na vida cultural e científica da cidade através dum tributo pioneiro organizado graças às redes pessoais e institucionais que possui. Depois, para a própria Lisboa, seus bairros e comunidades, ao serem tema exclusivo duma exposição. De

seguida, para a afirmação da olisipografia. Finalmente, mas não menos importante, para pequenas indústrias locais que encontram apoio na AAP na revitalização e apresentação pública das suas produções esteadas em saberes ancestrais e obtidas por múltiplos actores:

[...] onde a vida da capital se exteriorizou, onde os seus *usos e costumes* se patentearam facilmente aos olhos dos curiosos, onde os seus *monumentos* e os seus *aspectos perdidos* se puderam observar de novo, onde o *Passado falou*, emfim, pelas mil vozes *expressivas e eloquentes* das coisas inanimadas. (*Discurso pronunciado*..., 1932: 90-91)<sup>7</sup>

Ou seja, com esta exposição, ganham a AAP e Lisboa ao garantir a sobrevivência da primeira e a visibilidade da segunda mediante iniciativas culturais e científicas. Juntas, conseguirão, mesmo que informal e indirectamente, um feito maior da capital: a constituição do «Museu da Cidade». Museu pensado desde o início da centúria e pré-materializado noutra exposição da AAP proposta pela municipalidade a partir da «Olisiponense»: «Museu da Cidade». Mas este é outro capítulo, relevante para entender o movimento expositivo e museológico de Lisboa enquadrado por uma visão mais genérica, a escrutinar noutra ocasião.

Por enquanto, retenhamos a simbiose quase absoluta entre AAP e MAC, reflectindo este as decisões daquela, em especial das suas secções de estudo. Trata-se, pois, *duma* junção multidirecional entre associativismo, produção de conhecimento científico e actividade museológica com impacte societal, envolvidos por uma conjuntura que permite compreender decisões essenciais à perenidade do projecto associativo. Fica, contudo, por esclarecer o contributo doutras plataformas de divulgação e transferência de conhecimento, como o *Boletim*, as conferências e os cursos livres da AAP.

## Bibliografia

- «A industria de Tapetes de Beiriz» (1923): *Ilustração Portuguesa*, Tipographia da Ilustração Portuguesa Lisboa, 931: 862-863.
- «Cronica. Associação dos Archeologos Portugueses» (1917): *Terra Portuguesa*, anno II, n. 15-16, Lisboa, Typographia do Annuario Commercial, 94.
- «Cronica. Visitas de Estudo» (1916): *Terra Portuguesa*, anno I, Typographia do Annuario Commercial, Lisboa, 5: 159.
- CORREIA, V. (1916): «Arte Popular Portuguesa. Suas relações com a Arte Popular de toda a Europa», *Terra Portuguesa*, anno 1.º, Typographia do Annuario Commercial, Lisboa, 3: 82.
- MARTINS, A. C. (2003): *Possidónio da Silva (1806-1896) e o elogio da memória. Um percurso na arqueologia de Oitocentos*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

<sup>7</sup> Nossos itálicos.

- (2005): *A Associação dos Arqueólogos Portugueses na senda da salvaguarda patrimonial. Cem anos de (trans)formações. 1863-1963*, [Texto policopiado], Tese de Doutoramento em História (História da Arte) apresentada à Universidade de Lisboa.
- «Discurso pronunciado pelo socio Gustavo de Matos Sequeira» (1932): *Boletim de Arqueologia e Historia*, vol. I, Lisboa, AAP: 90-91.
- PESSANHA, J. (1906): «Tapetes de Arraiolos», *O Archeologo Português*, XI (1-6): 189-197.
- PESSANHA, S. (1916): «Tapetes de Arrayolos. I», *Terra Portuguesa*, anno 1.º, Lisboa: Typographia do Annuario Commercial, 1: 10.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1922): «Discurso», *Arqueologia e História*, Lisboa: AAP, vol. I: 90-91.